

Leslie Allen, Ezequiel, Palestra 8, Queda e Ascensão da Monarquia, Ezequiel 17:1-24 e 19:1-14

© 2024 Leslie Allen e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Leslie Allen e seus ensinamentos sobre o livro de Ezequiel. Esta é a sessão 8, Queda e Ascensão da Monarquia, Ezequiel 17:1-24 e 19:1-14.

Chegamos agora virtualmente ao fim da segunda parte do livro de Ezequiel, que se estende do capítulo 8 até o capítulo 19.

Mas ao examinarmos os capítulos 17 a 19, encontramos ali uma ilustração da complexidade literária do material. Muitas vezes a ordem das mensagens nos surpreende com uma admiração que precisa ser explicada porque os capítulos 17 e 19 tratam da monarquia. Mas se você olhar para o capítulo 18, ele sai pela tangente.

E você pensa: o que isso tem a ver com 17 e 19, que são obviamente um par de capítulos? E então, também, enquanto 17:1 a 27 e o capítulo 19 tratam da monarquia de forma negativa, dizendo que a monarquia é má, 17:22 a 24 nos surpreende ao tratá-la positivamente em termos de esperança e promessa. A unidade literária geral parece ser os capítulos 17 a 19. Parece haver uma reunião intencional desses capítulos.

Na próxima palestra, veremos como o capítulo 18 se encaixa. Mas será mais fácil para nós no momento olhar para as duas extremidades, os dois suportes desta seção, e o tema central, o tema único da monarquia ali presente. . No entanto, é claro, ainda temos que lidar com a mudança de clima entre 17h22 e 24h.

Mas agora podemos reconhecê-lo como evidência de uma segunda edição do livro de Ezequiel. E definitivamente parece ter um papel na segunda parte do ministério de profecia de Ezequiel. E pertence depois de 587.

E a sua linguagem e atitude geral têm aquele tema e aspecto positivo que associamos às mensagens pós-587. Para ouvintes e leitores pós-587, esta seção pode continuar a história da realeza davídica em um futuro positivo após a condenação que a realeza teve de receber na parte anterior do capítulo 17 e do capítulo 19. O Antigo Testamento tem duas atitudes em relação à realeza.

Teologicamente, é de Deus. É a constituição escolhida por Deus para Israel. Historicamente, acabou sendo ruim.

A história da monarquia é uma história de fracasso no Antigo Testamento. Alguns dos profetas, especialmente Isaías, conseguiram integrar estes dois contrastes, bom teologicamente, mau historicamente. Isaías, especialmente, poderia integrar esses

dois contrastes e também alguns outros profetas, passando da tragédia da monarquia ruim em sua própria época para a esperança de um novo período de realeza que correspondesse aos seus ideais originais.

E Ezequiel atende e pode herdar essa mensagem dupla. Mas nesta seção, ele passa mais tempo na má e velha monarquia em 17:21 a 21 e no capítulo 19 antes de adicionar um pequeno artigo sobre uma boa nova monarquia em 17:22 a 24. Quando chegamos aos capítulos dos anos 30 e 40, descobriremos mais sobre a realeza, de fato, de um bom ponto de vista.

A primeira parte do capítulo 17, no que diz respeito à mensagem, aparece nos versículos 3 a 10. Como indica o versículo 2, fala da monarquia através de metáforas. Metáforas que serão explicadas, de fato, nos versículos 11 a 21.

O versículo 3 fala de uma grande águia com grandes asas e longas penas que veio para o Líbano e assim por diante. Ele percorre essa metáfora longamente e se estende até o versículo 10. E então temos uma explicação dos versículos 11 a 21, uma longa explicação em termos históricos.

Será útil, de facto, começar com a interpretação, porque provavelmente não sabemos muito sobre a história, para ver como esta metáfora é interpretada, e depois voltar atrás e reformulá-la em termos da metáfora. É claro que usar metáforas é uma estratégia retórica. Pregadores de todas as épocas usaram-no para dar uma ilustração à sua mensagem, para que a sua mensagem pudesse ser melhor compreendida.

Ezequiel era muito bom nisso. Mas suspeito que os seus primeiros leitores e ouvintes sabiam muito mais sobre o lado histórico dos últimos dias da monarquia do que nós. Portanto, a interpretação em si é difícil para nós e temos que lutar para superar isso.

Então, podemos ver como isso é colocado em linguagem metafórica. No versículo 11, então, temos esta fórmula introdutória: a palavra do Senhor veio a mim, e então, diga agora à casa rebelde, você não sabe o que significam essas coisas? Bem, ainda não sabemos porque não lemos. Mas é chamada de casa rebelde.

O interessante é que isso está ligado à monarquia, à realeza. A casa rebelde é o povo de Judá, seja no exílio ou na pátria.

Mas está ligado à realeza. E a realeza é representativa de toda a comunidade. E nos deparamos com essa noção no capítulo 12.

Porque ali, no versículo 9 do capítulo 12, mortal, a casa de Israel, a casa rebelde, não te disse: o que você está fazendo? Diga-lhes: assim diz o Senhor Deus: Este oráculo diz respeito ao príncipe que está em Jerusalém e a toda a casa de Israel que nela

vive. E então há essa ligação com a casa rebelde. E então é uma espécie de protótipo, seu centro, seu resumo e seu símbolo no rei real.

E isso está acontecendo aqui, o rei representa muito a nação como um todo. A casa rebelde chega ao auge no rei, no rei da Judéia. E assim, a realeza vem à tona como um fator que levaria à queda de Judá.

E, obviamente, o rei liderou o governo, e o governo dirigiu a política nacional. E assim o rei à frente de tudo isso teve um papel vital. E ele faz parte da rebelião contra Deus, à qual o povo de Deus como um todo é demonstrado de várias maneiras.

Depois conta a história, que é tão conhecida dos primeiros ouvintes, mas não tão conhecida por nós. E o versículo 12 lembra aos prisioneiros de guerra o que eles sabem muito bem. O rei da Babilônia veio a Jerusalém, tomou o seu rei e os seus oficiais e os levou consigo para a Babilônia.

E este é o exílio de 597, a primeira deportação, neste caso, da elite de Jerusalém, funcionários do governo, sacerdotes importantes e assim por diante, para a qual o próprio Ezequiel foi arrastado e envolvido. E assim, em 597, Nabucodonosor deportou o jovem rei Joaquim. para a Babilônia e parte da, e o substituiu por seu próprio nomeado, Zedequias. No versículo 13, ele pegou um dos descendentes reais, uma das sementes reais, e fez uma aliança com ele, colocando-o sob juramento.

Este é Zedequias, que acabou sendo o último rei de Judá, embora não soubesse disso na época. Ele era um rei vassalo. Ele fazia parte da descendência ou semente real porque na verdade era membro da família real davídica.

Na verdade, ele era tio de Joaquim, um homem mais velho, considerado complacente o suficiente para ser um vassalo fiel de Nabucodonosor. E então, há essa substituição. E assim, há um novo membro da família da dinastia Davídica, mas a dinastia continua em Zedequias.

E um novo tratado foi feito entre o senhor babilônico e seu novo vassalo. Ele o colocou sob juramento para que o reino fosse humilhado e não se exaltasse. E que, ao manter sua aliança, ela poderia não permanecer.

Houve um tratado, em outras palavras, um tratado de vassalo, entre Zedequias e Nabucodonosor. Ficou entendido que Zedequias seria o sócio inferior, o sócio subordinado, e teria que fazer o que Nabucodonosor queria. E foi. A aliança foi feita, o tratado foi feito e os antigos tratados foram selados com um juramento, um juramento de lealdade.

E isso é mencionado até no versículo 13, colocando-o sob juramento. Agora, é preciso saber que quando estes tratados foram feitos, havia maldições que os acompanhavam como parte deles. E a estes tratados seria dado um sabor religioso.

E o rei vassalo selaria essas maldições, por assim dizer, prometendo em nome do Deus de Israel, Yahweh, que cumpriria suas promessas e seria leal a Nabucodonosor. Agora lembre-se disso porque esse é um ponto muito importante à medida que esta mensagem avança. Agora, uma coisa é fazer um juramento de lealdade e estar determinado a fazê-lo e talvez mantê-lo por alguns anos.

Mas Judá tinha uma longa história de rebelião política. Ninguém gostava de estar sob uma potência colonial, e isso certamente se aplicava a Judá, na fronteira sudoeste do Império Babilônico.

E assim, este tratado imperial, este jugo imperial foi ressentido. E houve pressão sobre Zedequias para fazer aberturas ao Egito, que era outra grande potência, a potência nacional. Enviaria o Egito tropas para quebrar o domínio da Babilônia? E assim, com garantias do Egito, Zedequias sentiu-se livre para se rebelar politicamente contra Nabucodonosor.

Na verdade, enquanto ocorria o cerco de Jerusalém, o livro de Jeremias nos conta que foram enviados enviados ao Egito; vamos lá, envie seu exército. Estamos esperando seu exército. E um exército veio do Egito.

Por um breve período, apenas por um breve período, o exército babilônico rompeu o cerco e teve que ir para o sudoeste de Judá para derrotar o exército egípcio. E derrotá-lo, aconteceu. E assim, os babilônios voltaram e continuaram com o cerco a Jerusalém.

Mas é claro que não só a Babilônia tinha sido rebelada, o que foi a razão pela qual houve uma invasão da Babilônia para Judá, mas também houve esta nova evidência de apelar ao Egito para tirar Zedequias e Judá da confusão em que se encontravam. havia caído. E é tão óbvio que Zedequias quebrou o juramento que fez em nome de Yahweh. E isso é levado muito a sério aqui.

E neste ponto, onde estamos historicamente? Bem, no versículo 15, ele se rebelou contra Nabucodonosor enviando embaixadores ao Egito para que pudessem lhe dar cavalos e um grande exército. Bem, provavelmente isso foi antes do cerco acontecer. Ele terá sucesso? Alguém pode escapar de quem faz tais coisas? Ele pode quebrar a aliança? Poderá ele quebrar o tratado, o tratado político, e ainda assim viver? Esta não é a aliança teológica com Yahweh.

Esta é a aliança política com Nabucodonosor. Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, no lugar onde reside o rei, que o constituiu rei, cujo juramento ele desprezou e

cuja aliança com ele quebrou, ele morrerá em Babilônia. Faraó, com seu poderoso exército e grande companhia, não o ajudará na guerra, quando rampas forem construídas e guerras de cerco construídas para ceifar muitas vidas.

E então, está olhando para frente e profetizando, sim, o Egito pode muito bem enviar um exército, mas não prevalecerá contra o cerco de Jerusalém, que ainda é considerado o futuro neste momento. Porque ele desprezou o juramento e quebrou a aliança, porque deu a mão e ainda assim fez todas estas coisas, ele não escapará. Ele estava tomando a palavra de Deus, o nome de Deus em vão.

Ele prometeu na Bíblia, por assim dizer, prometeu por Yahweh que seria fiel a Nabucodonosor, e ele deveria ter cumprido essa promessa. E isso se tornou, de fato, um pecado. Ironicamente, tornou-se um pecado ele ter quebrado este tratado político.

É bastante fascinante que se lermos o relato em 2 Crônicas sobre isso acontecer, descobriremos que há uma inclinação para Ezequiel 17. King não diz nada sobre isso, mas Crônicas evidentemente leu seu Ezequiel, e ele sabia disso. Então ouça o que o cronista disse no capítulo 36 e versículo 13.

Zedequias também se rebelou contra o rei Nabucodonosor, que o fez jurar por Deus. Aí estamos nós, trazendo a mensagem deste artigo aqui no início do capítulo 17. E então, há aquele fascinante uso secundário de Ezequiel naquele livro posterior de Crônicas, de fato.

Mas aí está a mensagem: você não pode usar o nome de Deus em vão e impunemente. E assim Zedequias seria deportado ao ver o fracasso de seu exército na luta contra os babilônios. Agora, isso é interessante porque esta primeira mensagem no capítulo 17 está ligada ao capítulo 12.

Lemos sobre a ligação entre a casa rebelde e aquela ideia de exílio, ir para o exílio lá no capítulo 12. Ele aponta o rei como tendo um lugar necessário entre os exilados. E fornece bastante material sobre o rei sendo derrotado e enviado para o exílio junto com seus súditos.

E assim, esta primeira mensagem repete a mensagem da deportação de Zedequias no capítulo 12 e fornece uma boa razão para isso. Não tínhamos uma razão para isso em 7 além da casa rebelde, mas agora o contexto político está sendo dado. Então é aí que estamos.

Agora, voltamos à metáfora. Agora sabemos tanto quanto os primeiros heróis de Deus através de Ezequiel sabem. E podemos ver o que a metáfora está dizendo.

Os versículos 3 a 10 são uma metáfora estendida. É vestir esses fatos futuros numa história, numa ilustração. Agora podemos ver que a grande águia que vem ao Líbano é, na verdade, Nabucodonosor que vem a Jerusalém.

E o cedro – a águia pegou o topo do cedro e quebrou seu broto mais alto. Este, na verdade, é o rei existente, o jovem rei que reinou apenas três meses. Jeoiaquim, o rei de 18 anos, foi levado para a Babilônia. A Babilônia é descrita como uma terra de comércio e uma cidade de mercados.

Era uma metrópole comercial. E então Jeoiaquim é levado para aquela grande cidade. E então, no versículo 5, a águia tirou uma semente da terra e colocou em solo fértil, uma planta junto a águas abundantes.

Ele o colocou como um galho de salgueiro. E assim, esta semente é na verdade parte da família real, da descendência real, da semente real. É outro membro da família real, que na verdade é o último rei, Zedequias, que ele nomeia rei de Judá.

E as coisas vão bem por um tempo nesta nova realeza. E sabemos que Zedequias foi leal a Nabucodonosor. No versículo 16, ela brotou e se tornou uma videira que se espalhava, mas baixa.

Seus galhos voltaram-se para ele; suas raízes permaneceram voltadas para ele, voltadas para Nabucodonosor, e assim o favoreceram e apoiaram. Suas raízes permanecem onde estavam. Então, tornou-se uma videira.

Produziu ramos, produziu folhagens. E é aí que estamos no início do reinado de Zedequias, que foi escolhido para substituir Jeoiaquim. E o seu reinado prosperou enquanto ele foi fiel a Zedequias.

Mas Zedequias tinha outras ideias. Seus olhos gravitaram em direção a outra águia, uma águia rival – na verdade, o faraó egípcio.

E ele planeja ligar-se ao Egito e ser libertado do jugo babilônico. Ele espera encontrar novos recursos em seu próprio benefício. E no versículo sete chegamos a isto: havia outra grande águia com grandes asas e muita plumagem.

E eis que esta videira estendeu as suas raízes para ele, para Faraó, para que a regasse do canteiro onde estava plantada. Foi transplantado para um solo bom com água abundante para que pudesse produzir ramos e dar frutos e se tornar uma videira nobre. Mas Deus lançou dúvidas sobre este novo arranjo no versículo nove, diz, digamos, assim diz o Senhor Deus, prosperará este novo arranjo com o Egito? Não arrancará ele suas raízes, fazendo com que seus frutos apodreçam e murchem, e que suas folhas frescas e brotadas murchem? Não será necessário nenhum braço forte

ou exército poderoso para arrancá-lo das suas raízes quando for transplantado para a lealdade egípcia.

Será que prosperará quando o vento leste o atingir? Não murchará completamente, murchará no canteiro onde cresceu? Então, essas são perguntas de pesquisa. E, claro, aquele vento leste, esse é o exército babilônico, que virá e acabará com todo o negócio. Então, aí estamos.

Existe aquela metáfora estendida em termos de pássaros e plantas contando essa história. E me pergunto se os primeiros aqui sabiam o que isso significava ou se precisavam da interpretação, da interpretação histórica de Bacchida . Oh, nós vemos o que era.

Mas pelo menos era intrigante. E pelo menos despertou a curiosidade deles. Do que ele está falando? O que é isso? O que é a águia? Qual é a videira? O que é? E essa reviravolta, obviamente, está passando por tempos difíceis.

É a velha história, a velha, velha história daquele evangelho de más notícias que Ezequiel teve que trazer primeiro, de que Jerusalém iria cair e a monarquia com ela. E assim, no geral, os prisioneiros de guerra que eram os heróis foram animados por uma falsa esperança de que regressariam a Jerusalém e viveriam na relativa estabilidade de que desfrutavam antes. Uma estabilidade que dependia não só de Jerusalém, mas da monarquia.

A monarquia foi muito importante. Bem, na verdade não seria sua agência protetora. E esta esperança é derrubada de 1 a 21, primeiro através de metáfora e depois através de interpretação simples.

Há um texto paralelo em Lamentações. Lamentações capítulo 4. No final de Lamentações, o povo, trata-se das pessoas que ficaram na terra depois do exílio e nunca foram exiladas. E eles estão meditando sobre sua história passada e o que estão passando agora.

A vida certamente não é fácil. E uma das coisas que dizem em 420, fala da captura de Zedequias. E isso significou o fim de tudo.

O ungido do Senhor, o fôlego da nossa vida foi retirado em suas covas. Aquele de quem dissemos que debaixo da sua sombra viveremos entre as nações. E aí está, esta expressão de esperança, mas eventual decepção.

Este é um texto muito paralelo ao que estamos estudando aqui. De qualquer forma, passamos para 22 a 24, que traz uma nova parcela bem diferente para a história real. Sabemos que depois de 587, foi confiada a Ezequiel uma nova mensagem de esperança, à qual nos voltaremos em breve.

Mas essa esperança só poderia acompanhar a destruição e não substituí-la. E por isso é justo que aqui inserida seja parte dessas mensagens do post 587. E há esta ligação temática, este tema idêntico da monarquia, mas que agora representa uma mudança de maré e a restauração da monarquia.

Mas desta vez será muito abençoado por Deus. E assim chegamos ao 22 ao 24. E isso é como uma espécie de pós-escrito real para aqueles versículos anteriores.

Agora, Ezequiel poderia acrescentar sua própria voz a outras mensagens proféticas de esperança relativas à dinastia real, especialmente em Isaías 9 e 11 e Jeremias 23. No versículo 3, Nabucodonosor havia se encarregado do broto de cedro, aquele rei da Judéia, que na verdade era Joaquim. . Mas quando chegamos ao versículo 22, percebemos essa noção, mas há uma diferença.

O próprio Deus está no controle agora. O próprio Deus assume esse papel e instala um novo rei em Israel. Em certo sentido, este será um rei vassalo, mas o suserano será agora o próprio Deus.

E assim, uma mudança na nova administração, uma mudança muito definitiva. Deus está no comando desde o início. E então esse rebento criaria raízes e cresceria em prosperidade e gozaria de domínio mundial.

E assim, continua no versículo 23. Então, o mundo seria forçado a reconhecer a soberania providencial do Deus de Israel nos assuntos humanos. Versículo 24: todas as árvores do campo saberão que eu sou o Senhor.

Derrubo a árvore alta, elevo a árvore baixa. Deus é providencial nos assuntos mundiais. E ele vai provar isso.

Este será um exemplar, uma prova de quando a monarquia davídica for restaurada e abençoada desta forma. E, claro, aqui, quando pensamos de forma mais canônica no Antigo Testamento, há uma retoma dos Salmos Reais, como o Salmo 2 e o Salmo 110, que prometem governo universal ao rei escolhido por Deus da linhagem de Davi. E Ezequiel está dizendo, um dia isso vai se tornar realidade.

Um dia isso acontecerá. E então há um final feliz para isso, o que anteriormente tinha sido uma história muito triste da monarquia davídica. Passamos para o capítulo 19.

Estamos deixando de fora 18 para nossa próxima palestra. Mais uma vez, temos o mesmo tema monárquico, e a realeza davídica está em vista. Isto se alinha muito com a primeira metade do capítulo 17, aquela mensagem de julgamento em metáfora e linguagem simples a respeito de Zedequias.

Isto também, no capítulo 19, é uma mensagem de julgamento contra a monarquia de Judá, na verdade, contra Zedequias, que é o último rei. E essas mensagens em 17 e 19, essas mensagens negativas, são ambas como pregos que Ezequiel martela no caixão das vãs esperanças do exilado de um retorno rápido a Judá e ao status quo do rei davídico e tudo mais. Percebemos há pouco que 17:22 a 24 quebra a negatividade e avança para um futuro positivo da instituição da monarquia.

É uma das promessas pós-julgamento dos profetas do Antigo Testamento, promessas que fomentaram uma espécie de visão messiânica do relacionamento futuro de Deus com Israel. E estas são promessas às quais o Novo Testamento se agarrou na sua própria afirmação de que Jesus é o Messias. Mas poderíamos perguntar por que aquela mensagem positiva em 17:22 a 24 não foi colocada depois do capítulo 19.

Isso tornaria tudo mais lógico: livrar-se primeiro das coisas negativas e depois passar para as coisas positivas. E parece um tanto estranho que tenhamos essa relação de altos e baixos entre 17 e 19. E a razão é que, no conteúdo, 17:22 a 24 foi concebido como um complemento positivo de 17:1 a 21.

E você tem o mesmo tipo de metáforas usadas na segunda metade de 17 que na metade anterior. E então, era para estar lá, tendo a mesma metáfora geral. É verdade que se você examinar 17:22 a 24, terá consciência do capítulo 19, mas principalmente sua linguagem é um eco da mensagem anterior, a mensagem negativa em 17:1 a 21.

E assim, cabe melhor no final de 17 do que em 19. Mas o capítulo 19 é estritamente uma continuação literária de 17:1 a 21. E suspeito que na primeira edição foi assim.

Foi na segunda edição do livro de Ezequiel que primeiro inserimos 17:21 a 24, e depois inserimos o capítulo 18. Mas chegaremos a esse último ponto de vista na próxima vez. O Capítulo 19 poderíamos chamar de oráculo de julgamento.

E isso é verdade. Isso é muito verdadeiro em seu conteúdo. Mas não é como se autodenomina.

Se olharmos o versículo 1, quanto a você, levante uma lamentação pelos príncipes de Israel. E isso surge como uma lamentação. E então, no final do capítulo, versículo 14 do capítulo 19, diz, isso é uma lamentação, e é usado como lamentação.

E aí estamos. É uma lamentação. Mas precisamos saber que às vezes os profetas, os profetas do Antigo Testamento, usavam várias formas nas suas mensagens.

E às vezes transmitiam a mensagem de um oráculo de julgamento através de um lamento. Na verdade, este é um lamento fúnebre que alguém usaria quando alguém morresse ou quando alguém passasse por uma terrível tragédia. E então, na verdade, do ponto de vista estrangeiro, é um lamento, um lamento fúnebre que lamentou a perda, especialmente de um membro da família, talvez, que havia morrido.

E podemos saber que há um exemplo muito bom e longo de lamento fúnebre por si só, não usado por um profeta, mas como lamento fúnebre em 2 Samuel e no capítulo 1. E ali Davi lamenta por seu rei, a quem ele sempre foi leal ao rei Saul e ao príncipe herdeiro Jônatas, que morreram nas mãos dos filisteus. E na segunda metade de 2 Samuel, capítulo 1, lemos este lamento e tem um refrão, como os poderosos caíram. E isso é dito em tom de luto: quão terrível é que esses heróis, esses heróis poderosos, tenham caído no meio da batalha.

Como os poderosos caíram e as armas de guerra pereceram. Aqueles dois eram tão bons quanto armas, mas agora morreram e perdemos as armas de guerra. Bem, isso é uma lamentação real, mas há outro uso de lamentação para transmitir a mensagem de um oráculo de julgamento.

E um oráculo de julgamento consistia realmente em um, não, sim, o que eu quero dizer? Havia o conteúdo de uma lamentação, um olhar para trás, um olhar para trás, para as conquistas da pessoa morta durante sua vida. Mas o que o oráculo do julgamento fez, que usou a lamentação, eles usaram isso como uma previsão da destruição vindoura. E assim, o que era estritamente uma lamentação no passado agora se torna, ao ser reutilizado profeticamente, como uma previsão de destruição futura.

Assume uma posição além da destruição iminente, por assim dizer. Ele relembra a tragédia e lamenta como se já tivesse acontecido. E é assim que funciona. Esta mensagem também tem uma metáfora, mas subordina a metáfora ao lamento.

Notamos que existem duas metáforas distintas. Ao dar uma olhada no capítulo 19, há um baseado em leões nos versículos dois a nove. E então, parece começar de novo com uma metáfora diferente.

Ele usa a metáfora de uma videira a partir dos versículos 10, 10 a 14. E assim, duas metáforas separadas, mas ambas dentro dos limites de um lamento. E essa diferença mostra que na verdade existem aqui dois lamentos que formam um par.

E ambos unidos pelo tema da monarquia. No versículo dois, que leoa era sua mãe entre os leões. E isso é singular, você aqui deve ser realmente o último rei de Judá, Zedequias.

A mãe ou a leoa é a dinastia davídica, que produziu reis geração após geração. E é ele quem se dirige retoricamente, claro, aos verdadeiros heróis dos prisioneiros de guerra, que estão na Babilônia desde 597. E esta leoa, esta dinastia produziu gerações sucessivas de reis.

No capítulo 19, não temos a interpretação clara que temos no capítulo 17. Mas temos esta intercalação com a realidade. E assim, no versículo quatro, temos um rei que é levado ao Egito.

E este, é claro, foi Jeoacaz, que não era o rei anterior, mas o rei anterior a Judá, que foi substituído por Joaquim, por Faraó, e então Nabucodonosor nomeou Zedequias. Mas passa pela história da monarquia ao longo das últimas três gerações de reis. E o Faraó o deportou para o Egito.

E outro dos filhotes, os filhotes de leão, foi nomeado rei, e esse foi Joaquim. OK. Mas na verdade, a partir do versículo cinco, parecemos avançar.

Não é Joaquim. Se você olhar os comentários, há alguma discussão e incerteza sobre qual rei é qual. Mas pode-se argumentar que já viemos; avançamos para Zedequias.

E esse é mais um de seus filhotes que a dinastia escolhe para fazer o jovem leão, o novo rei de Judá, Zedequias. E assim, continuamos. E ele reinou de 597 a 587.

E logo transfere esta mensagem para o ataque final do exército de Nabucodonosor. E era um exército internacional com elementos dos vários estados vassalos. E assim, no versículo oito, a nação das províncias ao redor o atacou.

Eles estenderam sua rede sobre ele. Ele foi pego na cova deles. Ele foi levado ao rei da Babilônia.

Portanto, sua voz não deveria mais ser ouvida. E este é o último rei, o último rei. E nunca mais a voz de Zedequias, esse último rei, nunca mais a voz do monarca davídico será ouvida nas montanhas de Israel.

Então essa é a história triste, a história negativa. Mas então chegamos a esta mensagem paralela, a este lamento paralelo, que muda a metáfora para uma videira. E sua haste mais forte tornou-se o cetro de um governante.

E este é Zedequias governando com todo o seu poder por um tempo. Mas foi arrancado com fúria e jogado no chão. O vento leste secou tudo.

Foi transplantado para o deserto. E assim estamos contando novamente a história de Zedequias, que ouvimos anteriormente na primeira parte do capítulo 17. E do seu caule saiu fogo, consumindo seus ramos e frutos.

Portanto, não resta nele nenhuma haste forte, nenhum cetro para governar. O fogo da destruição sobre Jerusalém, até mesmo o palácio engolido pelas chamas. E assim, não há mais rei, não há mais monarquia.

E então, essa é a triste história contada mais uma vez em termos metafóricos, mais uma vez, do fim desta linhagem real. Mas há uma última frase no capítulo 19. Esta é uma lamentação e é usada como lamentação.

E penso que isto funciona como uma conclusão editorial que olha para trás, muito atrás, muito depois da queda de Jerusalém e do fim da monarquia. Em meu comentário, traduzi de forma um pouco diferente. Eu interpreto isso como um lamento, e passou a funcionar como um lamento.

Agora isso é diferente. Um lamento, um lamento profético, ok, ansioso. Mas agora aconteceu e podemos olhar para trás e realmente se tornou realidade.

E para nós, estamos tristes ao olhar para trás. Então, você tem aqueles tempos passados no capítulo 19, realmente se referindo a eventos futuros, mas na verdade, refere-se ao que vai acontecer. É uma previsão do que vai acontecer, mas agora aconteceu.

E então, é um verdadeiro lamento agora. E todos nós lamentamos a perda dessa monarquia. Então esses são os capítulos 17 e 19.

E da próxima vez voltaremos ao capítulo intermediário em 18 e tentaremos ver como ele se encaixa nessa estrutura real, embora não diga nada sobre a realeza no capítulo 18.

Este é o Dr. Leslie Allen e seus ensinamentos sobre o livro de Ezequiel. Esta é a sessão 8, Queda e Ascensão da Monarquia, Ezequiel 17:1-24 e 19:1-14.